

MARXISMO E ARTE: OS SOVIÉTICOS TINHAM RAZÃO

para Viviane

Um jorro de alegria viva: o convite para alinhar algumas reflexões sobre Marxismo e Arte aqui na sede do PCB-SP. Há densos feixes de décadas que Arte e Marxismo, e sobretudo o tenso trato entre Marxismo e Arte me afetam, me põem a pensar. Por volta dos onze, doze anos arrisquei a decisão de me tornar músico; aos vinte, lendo as cartas a um jovem poeta, de Rilke, foi possível, sem a mínima hesitação, responder à pergunta: “Morreria se não me fosse permitido escrever (música)?” Sim. Teria morrido, sim. Vivo até hoje a achar que a arte é parte inalienável de mim. E o Marxismo, igualmente, desde vinte e poucos anos: radicalmente marxista tem sido anseio constante – raiz que se estenda para além dos meus dias. Que estas reflexões não sejam tomadas como algo acabado, que refluem como um diálogo, um debate.

Todas as sociedades anteriores, como vimos, repousaram no antagonismo entre classes opressoras e classes oprimidas. Mas, para oprimir uma classe, é necessário pelo menos lhe garantir condições de existência que lhe permitam viver na servidão. O servo, durante o período de plena servidão, conseguiu tornar-se membro de uma comuna, assim como o pequeno-burguês conseguiu tornar-se burguês sob o jugo do absolutismo feudal. O proletário moderno, ao contrário, em vez de se elevar com o progresso da indústria, desce cada vez mais, decaindo até mesmo abaixo das condições de vida de sua própria classe. O operário se torna um pobre e o pauperismo cresce muito mais rapidamente que a população e a riqueza. Fica, portanto, evidente que a burguesia é incapaz de desempenhar por muito mais tempo seu papel de dirigente da sociedade e de impor à sociedade, como lei reguladora, as condições de existência de sua classe. Não pode mais reinar porque se mostra incapaz de assegurar a existência de seu escravo no contexto de sua escravidão, porque é obrigada a deixá-lo cair a ponto de dever alimentá-lo em vez de ser alimentada por ele. A sociedade não pode mais viver sob a dominação da burguesia, o que quer dizer que a existência da burguesia não é mais compatível com a existência da sociedade [1].

O Manifesto é de 1848. Quase cento e setenta anos passados. E aquelas palavras miram o presente (já após tanta, tanta sangrenta acumulação de capital) como profecia inconcussa. É da essência do capitalismo crescer, crescer sempre mais e mais. Se não cresce desmedidamente, infinitamente, finda sinistramente. Para se sobreviver a este caos final do capitalismo e sua contrapartida de fome, miséria, desemprego, violência, ruína ecológica que se acumulam desmedidamente na mesma medida do morticínio do estertor do capital, temos a obrigação – a mais urgente – de nos livrarmos

desta praga. Consideremos que desde 2007, este monstro não consegue crescer – a despeito de toda sorte de falcatruas desferidas. E que, se este monstro não cresce pelo menos 3%, ele estrebucha (como asseverou David Harvey a partir de sólida reflexão sobre o estado atual do capitalismo). Estrebuchando, destroça-nos a todos. Urge abatê-lo antes que ele morra. Donald Trump, em sua campanha presidencial, confessou do alto do palanque, no comício, que os EEUU não tem crescido nem 1% ao ano.

“... uma burguesia estéril e contente de si mesma é o equivalente da Lei Sálica e do Direito Divino da Realeza. Ela pode, talvez, ter sido útil, ou mesmo indispensável em uma época; hoje, ela encoraja a mediocridade e a inação, sentada em sua poltrona confortável da dignidade dos hábitos adquiridos.” [2]

“Não será a propriedade individual das coisas e dos seres – a qual, é fácil mostrar, não passa do resultado de uma aprendizagem, de um automatismo cultural – que provoca como resposta a agressividade?” [3]

“Tenhamos a coragem de constatar que a propriedade privada pode bem estar inscrita em nossos costumes, pode bem estar escrita no Código Civil, mas não está nem em nosso código genético, nem nos Evangelhos aos quais se referem frequentemente os bem-nutridos da moral judaico-cristã.” [4]

Os hábitos adquiridos à custa do proletariado. Não são indispensáveis (como querem fazer crer). Estupidamente acreditamos neles (quando nos ameaçam, mancomunados com as instituições financeiras, com as mídias, com os Senhores das Leis, das armas). Alardeiam que “a economia não pode parar”; que “reformas” – em seus próprios e únicos benefícios – são necessárias (mesmo que todos só acumulem prejuízos a mais com tais patranhas). Patranhas/Patrões. Desde o assassinato de Allende, a “democracia” deles não mais merece o mínimo crédito. É necessário fazê-los perceber que os explorados não acreditam nem em suas armas nem em seus fictícios capitais; até que nem eles mesmos finjam que acreditam em suas próprias lorotas. Então, sim, não serão mais indispensáveis como apregoam através das mídias, dos golpes, das *katchapas*.

Numa mesa de jogo, um dos jogadores ganhava. Um grupo de bandidos – armados até com balas de leis – aproxima-se da mesa e o cabecilha impõe ao que ganhava uma partida de Katchapa. Não havia como recusar. Distribuíram-se as cartas. Poucos lances depois, o cabecilha – com o regozijo do bando – regougou: KATCHAPA!, ganhando a partida. A cada nova jogada o atordoado perdedor perdia mais uma partida frente à inalcançável prontidão com que o bando bandido bramava: Katchapa! Numa perplexidade estúpida – não querendo transparecer que ignorava o modo de jogo – após o recomeço de mais uma partida (a bem dizer

irrecusável), repentinamente inflado de astúcia, adiantou-se a qualquer movimento do contendor e desafiou-o, berrando (angustiadamente) pela primeira vez: CATCHAPA! O cabecilha, tranquilo, apresentou outra carta (visivelmente inconsequente), antes mesmo que o vencedor recolhesse as apostas e disse: KATCHAPA REAL! E tomou de volta o dinheiro com a empertigada anuência dos guarda-costas, acostumados a ganhar sempre.

Estranhem o que não for estranho.
Tomem por inexplicável o habitual.
Sintam-se perplexos ante o cotidiano.
Tratem de achar um remédio para o abuso.
Mas não se esqueçam
de que o abuso é sempre a regra. [5]

“O antigo possuidor de dinheiro marcha adiante como capitalista, segue-o o possuidor da força de trabalho como seu trabalhador; um, cheio de importância, sorriso satisfeito e ávido por negócios; o outro, tímido, contrafeito, como alguém que levou sua própria pele para o mercado e agora não tem mais nada a esperar, exceto o... curtume” [6].

Um, sorridente, o dono do curtume, ávido de negócios, o outro levando a própria pele para o mercado. Este leva a própria pele; outros levam sexo, músculos em negócios olímpicos, gargantas líricas, cérebros. Mas a despelação é horrenda, dolorosa, de cruel ferocidade.

O proletário é aquele que leva a própria pele para o mercado, a quem o capitalista paga com salário X. E neste X está incluída uma parcela para ALIMENTAÇÃO, posto que, sem comida, ele não sobrevive como força de trabalho para o patrão; outra parcela para arcar com a MORADIA, pois, ao relento, é perigoso para a pele destinada ao curtume; para o VESTUÁRIO, algo deve ser previsto: dado que prisão por atentado ao pudor pode ser empecilho para a frequência ao trabalho; ainda uma pequena parcela para a SAÚDE, pois sua morte prematura prejudicaria o dono do curtume; e ainda uma porção que seja para o lazer (como adiantamento para a prole) e um mínimo da mínima educação exigida para quem leva a pele para o curtume. “Ao trabalhador lhe é concedido que tenha só de que viver e queira viver só para ter”.

“Se se pressupõe o homem como homem, e sua relação com o mundo como uma relação humana, só se pode trocar AMOR por AMOR, confiança por confiança...”.

“Não será a propriedade das coisas e dos seres – a qual, é fácil mostrar, não passa do resultado de uma aprendizagem, de um automatismo cultural – que provoca como resposta a agressividade?” [2]

“...uma burguesia estéril e contente de si mesma é o equivalente da Lei Sálica e do Direito Divino da Realeza. Ela pode talvez ter sido útil, ou mesmo indispensável em uma época; hoje, ela encoraja a mediocridade e a inação, sentada em sua poltrona confortável da dignidade dos hábitos adquiridos.” [3]

“Tenhamos a coragem de constatar que a propriedade privada pode bem estar inscrita em nossos costumes, pode bem estar escrita no Código Civil, mas que não está nem no nosso código genético nem nos Evangelhos aos quais se referem frequentemente os bem-nutridos da moral dita judaico-cristã.” [4]

Como escreveu Marx:” O trabalhador só deve ter o suficiente para querer viver e só deve querer viver para ter”.

Uma angustiante compulsão para a necessidade de acumular, de ter, é insuflada nas ventas dos bebês desde o primeiro alento do ar tão (tão) poluído que se respira no capitalismo. Antes do bebê, já os pais, avós respiraram aquele ar – independentemente de quaisquer das classes sociais, todas condenadas àquele mesmo fedor. Aprender a falar, no mundo “global” é aprender a competir, a olhar o outro com receio, suspeita. É preciso calcar os que estão abaixo e açular o ego dos que estão acima; com astúcia, chegar-se aos que estão acima até que as condições necessárias sejam propícias para fazê-los tombar e então assenhorear-se do lugar conquistado (como se usa dizer: “por seu mérito próprio”). Espíritos nanicos, recalçados, frustrados, ignorantes e miseráveis são mais vulneráveis ao brilho ofuscante do ouro, às regalias douradas, ao poder que o capital esbanja. Ódio e frustrações circulam livremente como moeda corrente no capitalismo (sinônimo de corrupção e degeneração moral), atingindo impiedosamente todas as classes.

O fascínio indubitável que o capitalismo exerce sobre toda a sociedade ancora-se na possibilidade que cada indivíduo tem de se tornar capitalista. Fundamental, neste caso, é não amar. Indispensável – apenas – que se perverta o suficiente para explorar o próximo... com “magnanimidade”. Que ame com a boca, jamais com o coração. LUCRO: LOGRO. Enganar – em proveito próprio – como se se tratasse da coisa mais natural.

É próprio de uma sociedade capitalista, que até mesmo aqueles que deixam a própria pele no curtume, possam tornar-se (um dia) capitalistas; e aí está a hedionda força de sustentação, de continuidade do regime capitalista. Que a degradação do espírito permita que alguém que levava a própria pele para o mercado, chegue – sempre por razões bestiais – a vir a ser aquele que agora compra peles, um novo dono de curtume.

A MIM, que estou afogando,

ofereces ouro:
um peixe talvez se deixe
subornar. [7]

Convém lembrar que a lenda conta que Midas tomou um pedaço de pão para comer e à boca chegou-lhe ouro: passou fome; teve sede e, ao pegar o vaso de água para levá-lo à boca, tendo-o tocado, fez-se ouro e o ouro não desceu pela garganta: passou sede; desejou ouvir música e o ouro engastilhou-se-lhe nos ouvidos, ensurdecendo-o; ao cérebro intoxicou-lhe o espírito, embrutecendo-o.

Quem – geralmente – se deixa subornar pelo ouro, por tudo que significa a esplendescência do brilho do ouro? Pelo poder, pela glória, pela fama que vem com o ouro? Quem? Brecht conta que “é o mundo moderno que quer assim. Criou-se uma verdadeira casta – os intelectuais – que têm a incumbência de pensar e que para isto submetem-se a um treinamento especial. São constrangidos a alugarem suas cabeças a patrões, como nós, nossos braços. Naturalmente, eles têm a impressão de que pensam para a coletividade; mas é tudo como se nós achássemos que fabricamos automóveis para a coletividade – nunca iremos acreditar nisso, bem sabemos que é para os patrões. Que nos deixem em paz com essa estória de coletividade, disse Kalle, operário metalúrgico.”

Os soviéticos estavam certos.

“Se os tubarões fossem homens”, perguntou ao sr. K. a filha da sua senhoria, “eles seriam mais amáveis com os peixinhos?” “Certamente”, disse ele. “Se os tubarões fossem homens, construiriam no mar grandes gaiolas para os peixes pequenos, com todo tipo de alimento, tanto animal como vegetal. Cuidariam para que as gaiolas tivessem sempre água fresca, e tomariam toda espécie de medida sanitária. Se, por exemplo, um peixinho ferisse a barbatana, então lhe fariam um curativo, para que não lhes morresse antes do tempo. Para que os peixinhos não ficassem melancólicos, haveria grandes festas aquáticas de vez em quando, pois os peixinhos alegres têm melhor sabor do que os tristes. Naturalmente, também haveria escolas nas gaiolas. Nessas escolas os peixinhos aprenderiam como nadar em direção às goelas dos tubarões. Precisariam saber Geografia, por exemplo, para localizar os grandes tubarões que vagueiam descansadamente pelo mar. O mais importante seria, naturalmente, a formação moral dos peixinhos. Eles seriam informados de que nada existe de mais belo e mais sublime do que um peixinho que se sacrifica contente, e que todos deveriam crer nos tubarões, sobretudo quando dissessem que cuidam de sua felicidade futura. Os peixinhos saberiam que esse futuro só estaria assegurado se estudassem docilmente. Acima de tudo, os peixinhos deveriam evitar toda inclinação baixa, materialista, egoísta e marxista, e avisar imediatamente os tubarões, se um dentre eles mostrasse tais

tendências. Se os tubarões fossem homens, naturalmente fariam guerra entre si, para conquistar gaiolas e peixinhos estrangeiros. Nessas guerras eles fariam lutar seus peixinhos, e lhes ensinariam que há uma enorme diferença entre eles e os peixinhos dos outros tubarões. Os peixinhos são notoriamente mudos, mas silenciam em línguas diferentes, e por isso não podem se entender. Cada peixinho que na guerra matasse alguns outros, inimigos, que silenciam em outra língua, seria condecorado com uma medalha de sargaço e receberia o título de herói. Se os tubarões fossem homens, naturalmente também haveria arte entre eles. Haveria belos quadros, representando os dentes dos tubarões em cores soberbas, e suas goelas como jardins onde se brinca deliciosamente. Os teatros do fundo do mar mostrariam valorosos peixinhos nadando com entusiasmo em direção às goelas dos tubarões, e a música seria tão bela, que a seus acordes todos os peixinhos, com a orquestra na frente, sonhando, embalados nos pensamentos mais doces, se precipitariam nas gargantas dos tubarões. Também não faltaria uma religião, se os tubarões fossem homens. Ela ensinaria que a verdadeira vida dos peixinhos começa apenas na barriga dos tubarões. Além disso, se os tubarões fossem homens, também acabaria a idéia de que os peixinhos são iguais entre si. Alguns deles se tornariam funcionários e seriam colocados acima dos outros. Aquelles ligeiramente maiores poderiam inclusive comer os menores. Isto seria agradável para os tubarões, pois eles teriam, com maior frequência, bocados maiores para comer. E os peixinhos maiores, detentores de cargos, cuidariam da ordem entre os peixinhos, tornando-se professores, oficiais, construtores de gaiolas etc. Em suma, haveria uma civilização no mar. [8]

Classe média: aquela que se encontra entre dois pontos. Classe média: mediocridade. Como disse Romola A. Rímoli, desconsolada, entre dentes: “A classe média é burra, muito burra; burra, burra, burra!” A enorme tensão: é que é essa a classe que trabalha com a cabeça, que tem a incumbência de pensar...

A mim que estou afogando
ofereces ouro
um peixe talvez se deixe
subornar. [7]

Béla Bartók morre – à beira da miséria – em Nova York e a viúva não tem como pagar o enterro; a Associação dos Compositores Americanos pagou a conta, na última hora.

Igor Strawinski – no leito de morte, também nos EEUU – almejou ser enterrado em Veneza, na Itália; um jato 747 foi contratado para transportar o féretro, familiares e convidados. A mídia internacional fez das exéquias do

compositor um EVENTO GLOBAL, como se o capitalismo e o espírito formassem uma unidade aceitável.

Um peixe talvez se deixe
subornar.

Van Gogh sobrevive na mais lamentável pobreza por conta de pequena mesada que lhe dá seu irmão Theo; sem vender um trabalho. Hoje, qualquer obra de Van Gogh é mercadoria do mais alto valor de venda em leilões, como coisa natural.

Ainda em vida, Picasso vendia qualquer rabisco que fosse, executado em poucos segundos, pelo mais exorbitante preço do Mercado de Arte.

Um peixe talvez se deixe
subornar.

Nos cafés de Paris, Modigliani ia de mesa em mesa oferecendo (por cinco francos) um desenho feito do natural, na hora; nem sempre conseguiu clientes compassivos.

Um peixe talvez se deixe
subornar.

Sartre recusou o vexatório Prêmio Nobel, iníquo, como um verdadeiro afogado.

E quanto ao periclitante, gritante desequilíbrio ecológico do planeta? E o lixo atômico? E a fome no mundo? E as guerras de rapina do imperialismo? E os lixos de luxarias? Os lixos imperecíveis, os entulhos descartáveis, os desempregos aviltantes? Ameaçados, devastados, contaminados, planeta e humanidade enfermos sob o poder do dinheiro...

Vale aqui recordar o que um delegado ao Congresso Cultural de Havana tinha afirmado: “Nós ocidentais, estamos de tal modo contaminados, que o intelectual consciente das suas responsabilidades deveria dizer a qualquer homem de um país menos preso nestes laços: Desconfia de mim. Desconfia das minhas palavras, de tudo aquilo que possuo. Sofro de uma doença contagiosa. A minha única salvação é saber que estou doente, pois o que não se sente doente é o mais atingido” [9].

Por sorte de máscaras e disfarces ideológicos elaborados ao longo de séculos – em geral, no âmbito dos credos “religiosos” e da “moral” –, o capitalismo projeta um homem competitivo, egoísta, egocêntrico – e quando “bem sucedido”, ególatra. Fazem crer que seus crimes devem ser praticados para o bem da humanidade e em nome do progresso, assim serenando suas

consciências culposas e moldando o subconsciente da massa dos extorquidos. Salve-se quem puder (a vida). Mas, a salvação capitalista da vida implica – forçosamente – no culto do dinheiro, na “sacra” inviolabilidade da propriedade privada, e na exploração do homem pelo homem (com a máxima possível anestesia da sensibilidade pelo destino do próximo – maximamente com relação àqueles que deixam a própria pele no curtume). “Ao trabalhador lhe é concedido que tenha só de que viver e queira viver só para ter”.

Que balança bizarra, larápia, diabólica, a balança capitalista: em que a imensa maioria dos espoliados, comprimida no prato da esquerda “FAZ” baixar o prato que pesa menos, o da direita: onde se aloja – comodamente – a minoria de proprietários (espoliadores de peles humanas). O mesmo princípio que governa a balança, governa a economia, a moral, o saber, as religiões, a justiça, as ciências, as artes. A ideologia é uma doença contagiosa, pernicioso. “A ideologia é uma prisão invisível”*. A gente não enxerga a tão extensa grade que nos mantém prisioneiros.

Para o marxista que produz arte, urge divisar a arte como um campo minado. Minado pela ideologia. Quão perigoso é passear por aí com desatenta alegria. A ideologia não explica tudo, é certo; mas permeia tudo; observa Girardi. Que esteja sempre presente em nós, como o ar que se respira, os versos que o camarada b.b. nos sugeriu:

“Interroga a propriedade:

De onde vens?

Pergunta a cada idéia:

Serves a quem?” **

“Se se pressupõe o homem como homem, e sua relação com o mundo como uma relação humana, só se pode trocar amor por amor, confiança por confiança, etc. Se se quiser gozar da arte, deve-se ser um homem artisticamente educado”***.

Willy Corrêa de Oliveira
São Paulo, outubro 2017

NOTAS:

- [1] Karl Marx; Friedrich Engels. *Manifesto do Partido Comunista*.
- [2] Henri Laborit. *Biologie et Structure*. Paris: Éditions Gallimard, 1968, p.167. Collection Folio essais.
- [3] Henri Laborit. *Deus não joga dados*. Tradução de Maria da Silva Cravo. São Paulo: Divisão Editorial da Grano EPC Ltda, 1988, pg. 134. Trajetória Cultural.
- [4] Henri Laborit. *L'agressivité détournée*. Paris: Union Générale d'Édition, 1970, p. 45.
- [5] Bertolt Brecht. *A exceção e a Regra*.
- [6] Karl Marx. *O Capital*, volume I, tomo I. Tradução de Regis Barbosa e Flavio Kothe. São Paulo: Vitor Civita, 1988, p. 141. 3ª Edição.
- [7] Paul Celan. A mim. Trad. Flavio Kothe. In: *Poemas II*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1985.
- [8] Bertolt Brecht. Se os tubarões fossem homens. In: *Histórias do sr. Keuner*. Trad. De Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Editora 34, 2006.
- [9] Michel Huteau; Jacques Lautrey. *Cuba, Revolução no Ensino*. Coimbra: Editora Centelha, 1976, p. 275.
- * Giulio Girardi. *Educar: para qual sociedade?* São Paulo: Prol, 2011. Disponível em: <http://www.thaisvilanova.com.br/girardi/educar-web.pdf>.
- ** Bertolt Brecht. Elogio do Revolucionário. Trad. de Edmundo Muniz. In: *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Elo, 1982.
- *** Karl Marx. Manuscritos Econômico-Filosóficos. Trad. José Carlos Bruni. In *Os pensadores*. Vol. 35, p. 38. São Paulo: Editor Vitor Civita, 1974.